



## **Etnicidades e identidades no cristianismo primitivo:**

*contribuição das ciências sociais para o debate sobre as identidades e a bíblia.*

**IZIDORO, José Luiz** \*

### **Resumo**

As identidades socioculturais, os diálogos culturais e religiosos e as fronteiras étnicas, compõem impreterivelmente uma das pautas do debate atual sobre as religiões, as religiosidades, as culturas e as identidades, no campo fenomenológico, como também na história das interpretações. Os conceitos definidos como fronteiras étnicas, culturas, histórias, identidades, etnicidades, fluidez e interações, fazem compreensíveis os encontros, desencontros, conflitos, assimilações e o intercâmbio entre os sujeitos históricos e socioculturais no processo de formação das identidades, assim como elucidam aqueles elementos que perpassam dinamicamente as genealogias, as geografias, os territórios e os caracteres físico-biológicos e lingüísticos, na constituição da alteridade. Esse processo é também inerente às experiências cristãs primitivas, na dinâmica de mobilização e interação dos povos e das culturas, na configuração de suas identidades, presentes nas narrativas bíblicas.

Palavras-chave

Identidade – fluidez – interação – fronteiras étnicas – cultura – etnicidade

---

\* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Integrante do Grupo Oráculo de Pesquisa em Apocalíptica Judaica e Cristã. Endereço eletrônico: [jeso\\_nuap@hotmail.com](mailto:jeso_nuap@hotmail.com)



## **Abstract**

The socio-cultural identities, the cultural and religious dialogues and the ethnical boundaries, compose unfailingly one of the themes of the current debate about religions, religiosities, cultures and identities, in the phenomenological field, as well as in the history of interpretations. Concepts such as ethnical boundaries, cultures, histories, identities, ethnicities, fluidity and interactions, make comprehensible the encounters, divergences, conflicts, assimilation and exchange between historical and sociocultural subjects in the process of identities' formation and also elucidate those elements which dynamically pass by the genealogies, geographies, territories and the physio-biological and linguistical characteristics in the constitution on of alterity. This process is also inherent to the primitive christian experiences, in the dynamics of mobilization and interaction between peoples and cultures, in the configuration of their identities, to presents in the biblical narratives.

## **Keywords**

Identity – Interaction – Fluidity – Ethnic Boundary – Culture – Ethnicity



## **Abordagem teórica na perspectiva da pesquisa bíblica**

A formação e a construção dos textos sagrados são resultados de um processo histórico literário, onde as culturas, etnias, religiões e as sociedades estão presentes pelas representações simbólicas, pelas linguagens, discursos e muitas outras convenções. Exige-se assim a apropriação dos conceitos histórico-antropológicos que dê suporte teórico para o pesquisador exegeta, não excluindo, portanto outras ferramentas metodológicas inerentes ao olhar científico.

A discussão também é plausível para o debate atual das *identidades*, onde a identidade étnica é ainda um fator urgente das políticas mundiais contemporâneas<sup>1</sup>; como o é para a compreensão dos fenômenos constitutivos das dinâmicas de formação das identidades no mundo antigo greco-romano. Mark G. Brett afirma que a questão da interpretação dos ‘cruzamentos culturais’ tem sido discutida em muitas publicações como um assunto global<sup>2</sup>. De acordo com Judith Lieu, a discussão moderna de identidade como processo de construção é vigente e se aplica também ao mundo greco-romano, onde parentes, história, linguagem, costumes e deuses, supostamente, separam ‘nós’ dos bárbaros; mas também provoca a interação, onde depois, judeus e cristãos estarão engajados nas mesmas estratégias. Isto pode oferecer caminhos a respeito de questões como *unidade e diversidade*, *judaísmo versus judaísmos*, e de como o cristianismo emerge como separado do judaísmo<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup>. Mark G. BRETT, Interpreting Ethnicity: method, hermeneutics, ethics. In: Mark G. Brett (ed.). *Ethnicity and the Bible*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers, Inc., 2002, p. 3.

<sup>2</sup>. BRETT, Interpreting Ethnicity. In: Mark G. Brett (ed.), p. 7.

<sup>3</sup>. Judith LIEU. Impregnable Ramparts and Walls of Iron: Boundary and Identity in Early Judaism and Christianity. In: *New Testament Studies*. London: Cambridge University Press 48 (2002): 297.



Essa dinâmica também se aplica a outros grupos socioculturais, que na elaboração dos fatores constitutivos da formação de suas identidades, provocam rupturas, resistências, como também se adaptam e assimilam novos sistemas simbólicos cultural-religiosos. Isto se deve a permeabilidade das fronteiras étnicas e a fluidez inerente à dinâmica osmótica.

No horizonte das categorias histórico-culturais presentes nos antigos escritos cristãos, numa perspectiva crítica, situamos a opinião de Gay L. Byron: “autores do cristianismo antigo consideravam os grupos étnicos como um mecanismo polêmico. Eles tinham o objetivo de esclarecer a autodefinição do cristianismo primitivo e o *lugar* dos grupos étnicos no mundo greco-romano que, com o tempo, resultou numa representação idealizada desses povos”<sup>4</sup>. Por conseguinte, afirma Byron, os estudos etnocríticos tem geralmente aberto novas janelas para os antigos escritos cristãos. Recentes estudos de identidade étnica, historiografia etnográfica e etnocriticismo provêm de uma base de teóricos para desenvolver uma estrutura teórica para a compreensão do impacto das diferenças étnicas no cristianismo primitivo<sup>5</sup>, considerando que, “a interpretação de Paulo como uma crítica cultural e a exploração de sua visão de comunidade em que ‘não há *Jew* nem *Gentio*’ ainda é uma agenda longamente ‘não alinhada’ pelas escolas paulinas<sup>6</sup>.

Na concepção de Williamson H. G. M., a Bíblia registra uma longa e acalorada discussão sobre como as fronteiras da comunidade Israelense foi construída e mantida<sup>7</sup>, e para Brett, a Bíblia nos apresenta uma série de identidades que interagem socialmente e que dependem do *lugar* onde as pessoas se encontram<sup>8</sup>. Assim como os povos Cananitas, Egípcios, Babilônicos, Persas, Africanos, Judeus, Celtas, Gregos e Romanos, mencionados

---

4. Gay L. BYRON, *Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature*. London/New York: Routledge, 2002, p. 22.

5. BYRON, *Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature*, p. 20-21.

6. John M. G. BARCLAY. Neither Jew nor Greek: multiculturalism and the new perspective on Paul. In: Mark Brett G. (ed.). *Ethnicity and the Bible*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers, Inc., 2002, p. 206.

7. Williamson H. G. M. The Concept of Israel in Transition. In: R. E. Clements (ed.). *The World of Ancient Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, (1989), p. 141-161.

8. BRETT, Interpreting Ethnicity. In: Mark G. Brett (ed.), p. 12.



por Josep Rius-Camps na *lista dos povos*, apresentada em Pentecostes (Atos 2,5-11), que corresponde a uma geografia que entrelaça as nações, povos e culturas<sup>9</sup>.

Nesse horizonte, também consideramos as viagens de Paulo, que desde Damasco priorizou a geografia das Diásporas. As quatro viagens missionárias de Paulo dilatam e ampliam a geografia minimizada da comunidade cristã estabelecida em Jerusalém. Esse itinerário supõe um horizonte quilométrico que ultrapassa os limites reconhecidos numa possível mirada do cristianismo palestinese. De Damasco, Arábia a Antioquia; passando por Pafos, Atália e Antioquia de Psídia; de Filipos, Tessalônica, Atenas, Corinto, Efeso, Galácia e Cesaréia; por Creta, Malta, Roma, etc.

Nesse processo de mobilização e interação dos povos e das identidades, torna-se pertinente os conflitos e tensão no âmbito da re-elaboração dos pensamentos e das diversas concepções religiosas, étnicas e socioculturais, provenientes das diversidades dos fenômenos díspares vivenciados no mundo antigo e daquelas nuances identitárias que caracterizam os grupos socioculturais em seu percurso histórico.

De acordo com a concepção de D. J. Mattingly, o ponto crítico para ser apreciado é que a diversidade de comportamentos e compreensões reflete em parte uma série de discursos na sociedade<sup>10</sup>, que certamente é resultado óbvio das experiências vividas e interpretadas por sujeitos oriundos de complexas e diversificadas cosmovisões, dentro de um movimento sincrônico e diacrônico da história. Pois Brett considera que, alguns desses conflitos básicos na teologia bíblica encontram um paralelo nos recentes debates sobre a natureza da

---

9. Joseph RIUS-CAMPS, *De Jerusalén a Antioquia: génesis de la Iglesia Cristiana: comentario lingüística exegético a Hch.1-12*. Córdoba: El Almendro, 1989, p. 72-73

<sup>10</sup>. D. J. MATTINGLY, Dialogues of power and experience in the Roman Empire. In: D. J. Mattingly (Ed.). *Dialogues in Roman Imperialism: power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire.. Journal of Roman Archaeology Supplementary Series*, n. 23. International Roman Archaeology Conference Series. Portsmouth, Rhode Island, 1997, p. 13.



‘etnicidade’<sup>11</sup>, que certamente corrobora a idéia de fronteiras fluídas e da rejeição das concepções de cultura e identidade como categorias monolíticas, estáticas e impermeáveis. Portanto, a Bíblia teve e continua tendo influência em muitas culturas e um reconhecimento especializado de suas antigas bibliotecas que leva a uma implicação política e moral<sup>12</sup>, e que outorga à pesquisa bíblica a relevância e pertinência dos estudos socioculturais e das teorias orientadas à análise e aproximação dos fenômenos sócio-antropológicos e de seu campo hermenêutico.

A autodefinição da identidade dos povos e culturas não obedece a critérios estáticos e impermeáveis em seu processo formativo. Para Jonathan Hall, “torna-se um erro assumir que um *material cultural padronizado* possa servir como objetivo ou indicação passiva de *grupos étnicos*”<sup>13</sup>. Pois, as pessoas possuem múltiplas auto-representações e são identificadas pelas mesmas.

Também é relevante uma nova compreensão do conceito de história para a compreensão dos fenômenos históricos e dos sujeitos que interagem, para evitar que cataloguemos os grupos socioculturais como estáticos e não suscetíveis de simbioses ou processos de intercâmbios. O processo de interação é necessariamente dinâmico e progressivo. É o processo onde as culturas vivem em recíproca interação sociocultural. Aqui se exige uma compreensão do conceito de história como uma narrativa de sucessos que não necessariamente estejam fundamentados em ‘fatos empiricamente comprovados’.

De acordo com Daniel Marguerat, a historiografia não é descritiva, mas re-constitutiva. Ela não alinha os fatos nus, mas unicamente fatos interpretados em função de uma lógica estabelecida pelo historiador. A veracidade, pois, da história não depende da realidade em si,

---

<sup>11</sup>. BRETT, Interpreting Ethnicity. In: Mark G. Brett (ed.), p. 12.

<sup>12</sup>. BRETT, Interpreting Ethnicity. In: Mark G Brett (ed.), p. 5

<sup>13</sup>. Jonathan M. HALL, *Ethnic identity in Greek Antiquity*. Gret Britain: University Press, Cambridge, 1997, p. 3



do acontecimento relatado; ela depende da interpretação que ele dá de uma realidade, sempre suscetível, em si, de uma pluralidade de opções interpretativas<sup>14</sup>. Para Pedro Paulo A. Funari e Glaydson José da Silva, o passado não é descoberto ou encontrado. É criado e representado pelo historiador como um texto que, por sua vez, é consumido pelo leitor. A idéia de descobrir a verdade na evidência é um conceito modernista do século XIX e não há mais lugar para ela na escrita contemporânea sobre o passado. É necessário abandonar a ilusão da descoberta da verdade única, tudo está por ser interpretado<sup>15</sup>.

Os sujeitos articulam-se e interagem nas fronteiras geográficas e étnicas forjando, assim, os elementos que irão determinar e caracterizar as identidades a partir do seu dinamismo histórico, de sua auto-compreensão e a identificação pelos de fora do grupo. Os outros ou ‘os de fora’, com quem se interagem e com quem se é comparado, segundo Fredrik Barth, produzem as identidades alternativas e colocam as normas que são disponíveis para o indivíduo<sup>16</sup>.

No horizonte do processo de interação sociocultural entre os grupos humanos, consideram-se as ‘fronteiras étnicas’ como um elemento primordial que caracteriza o movimento das relações e o demarca simbolicamente. Para Judith Lieu, a metáfora de uma *fronteira*, separando ‘nós’ dos ‘outros’, é central para a discussão moderna de *identidades* como construção; ainda que reconhecendo em cada fronteira a existência da articulação de poder e de uma possível permeabilidade<sup>17</sup>, num marco de ‘formação das identidades’.

A identidade étnica constrói-se a partir das diferenças e da alteridade que caracterizam os grupos sociais, a partir do processo dinâmico de interação entre fronteiras. Não é o

---

<sup>14</sup>. Daniel MARGUERAT, *A primeira História do Cristianismo: os Atos dos apóstolos*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p. 18.

<sup>15</sup>. Pedro Paulo A. FUNARI; Glaydson José da SILVA, *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 91-92.

<sup>16</sup>. BARTH, *Ethnic Groups and Boundaries*, p 25.

<sup>17</sup>. Judith LIEU. *Impregnable Ramparts and Walls of Iron: Boundary and Identity in Early Judaism and Christianity*. In: *New Testament Studies*. London: Cambridge University Press 48 (2002): 297.



isolamento ou a abdicação à interação com outros grupos sociais que irá criar a consciência de pertença e a identificação do sujeito com o seu grupo, mas sim a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecerem fronteiras étnicas. Segundo Kathryn Woodward, as identidades são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao 'forasteiro' ou ao 'outro', isto é, relativamente ao que 'não é', sob a forma de oposições binárias<sup>18</sup>. Essa concepção de diferença, para Woodward, é fundamental para se compreender o processo de construção cultural das identidades<sup>19</sup>.

Para Cuche, a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato<sup>20</sup>. Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a outra identidade. Identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação<sup>21</sup>.

Para Adam Kuper, identidade não é um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros. É nesse diálogo que a identidade é formada. O eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade<sup>22</sup>.

Ao falarmos de cultura e identidade no plano das relações e interações étnicas, sociais e culturais, estamos considerando essa realidade como uma construção social. E, sendo assim, estamos diante de fenômenos resultantes da polarização e da dialética social presente no dinamismo da história e localizados nos variados âmbitos sociais. Segundo Denys Cuche, “a

---

<sup>18</sup>. Kathryn WOODWARD. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 2007, p. 49.

<sup>19</sup>. WOODWARD, Identidade e diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (org.), p. 50.

<sup>20</sup>. DENYS CUCHE, *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 182.

<sup>21</sup>. CUCHE, *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*, p. 183.

<sup>22</sup>. ADAM KUPER, *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 298.





identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente”<sup>23</sup>.

A unidade da identidade acontece na medida em que os sujeitos traçam ou demarcam, de acordo com seus interesses e finalidades, as diferenças, a partir das representações simbólicas que os caracterizam. Para Clifford Geertz, quanto mais as coisas se juntam, mais ficam separadas. As pessoas consideram-se, em determinados momentos e para determinados fins, francesas e não inglesas, indianas e não budistas, Hutu e não Tutsi, latinas e não índias, xiitas e não sunitas, Hopi e não Navajo, negras e não brancas, laranja e não verdes<sup>24</sup>. Desse modo, confirma-se, ao conceito de cultura e identidade, seu caráter de fluidez, dinamicidade, polissemia e alteridade.

Segundo Peter Burke, “a tendência a assumir que a troca cultural é sempre um reflexo de tolerância e mente aberta é algo a que os historiadores devem resistir. A identidade cultural é freqüentemente definida por contraste. Não devemos nos esquecer, no entanto, que as culturas são heterogêneas e que diferentes grupos podem reagir de modo muito diverso aos encontros culturais”<sup>25</sup>. Burke, ao propor em sua obra *Hibridismo cultural*, variedades de objetos, de terminologias, de situações, de reações e de resultados no âmbito das culturas e das sociedades, abre o debate conceitual à antropologia, história das culturas, teologia, ciências das religiões, sociologia, com o objetivo de pautar uma discussão de suma importância para o que é múltiplo, plural, diferente, autônomo, relacional, interacional, híbrido, sincrético e conflitivo nas culturas e povos do mundo.

---

23. CUCHE, A noção de Cultura nas Ciências Sociais, p. 177.

24. Clifford GEERTZ, *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 217.

25. Peter BURKE, *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 79, 85.



Faz-se notório, nas opiniões de antropólogos, historiadores das culturas e das religiões o consenso a respeito da natureza dos resultados dos encontros, desencontros, trocas e interações entre as culturas, povos, fronteiras étnico-geográficas e identidades. São resultados não unívocos que produzem história, culturas, valores, significados, ressignificações cósmicas e identidades, não obstante seu caráter de violência e tensão. São contribuições histórico-antropológicas que oferecem o suporte teórico para a elaboração ou construção dos fatores identitários que caracterizam os grupos socioculturais como fenômenos e suas interpretações no que concernem aos textos bíblicos. Torna-se um grande desafio abordar tais conceitos na perspectiva da história antiga dos cristianismos primitivos; onde as categorias como identidades e culturas ainda são vistas e compreendidas como um processo estático, sólido, uniforme e impermeável.

A definição dos conceitos aqui apresentados possibilita-nos uma compreensão aberta da temática. Os conceitos apontam para categorias histórico-antropológicas de grande relevância e pertinência ao campo das ciências bíblicas e no exercício da exegese.



## Bibliografia

- BARTH, Fredrik. *Ethnic Groups and Boundaries: the social organization of culture difference*. Illinois: Waveland Press, Inc., 1969 (1998). 160p.
- BRETT, Mark G. (Ed.). *Ethnicity and the Bible*. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers, Inc., 2002. 510p.
- BYRON, Gay L. *Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature*. London/New York: Routledge, 2002. 223p.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Unisinos, 2003. 120p.
- CUCHE, Denys. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. 256p.
- FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José da. *Teoria da História*. São Paulo: Brasiliense, 2008, 104p.
- GEERTZ, Clifford. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 248p.
- GOODMAN, Martin. *Rome and Jerusalem: the clash of ancient civilizations*. London: Penguin Books, 2007. 642p.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 104p.
- H. G. M., Williamson. The Concept of Israel in Transition. In: R. E. Clements (ed.). *The World of Ancient Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, (1989), p. 141-161.
- KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002. 324p.
- M. HALL, Jonathan. *Ethnic identity in Greek Antiquity*. Great Britain: University Press, Cambridge, 1997. 230p.



- MARGUERAT, Daniel. *A Primeira História do Cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola/Ed. Paulus, 2003. 350p.
- MATTINGLY, D. J. (Ed.). Dialogues in Roman Imperialism: power, discourse, and discrepant experience in the Roman Empire. In: *Journal of Roman Archaeology Supplementary Series, n. 23*. International Roman Archaeology Conference Series. Portsmouth, Rhode Island, 1997, 200p.
- MEYER, Michael A. *Jewish Identity in the Modern World*. Seattle & London: University of Washington Press, 1990.110p.
- LIEU, Judith. Impregnable Ramparts and Walls of Iron: Boundary and Identity in Early Judaism and Christianity. In: *New Testament Studies* 48, London, Cambridge University Press, 2002, p. 297-313.
- RIUS-CAMPS, Joseph. *De Jerusalén a Antioquia: génesis de la Iglesia Cristiana: comentario lingüística exegético a Hch.1-12*. Córdoba: El Almendro, 1989. 390p.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 218p.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 2007. 134p.
- SPARKS, Kenton L. *Ethnicity and Identity in Ancient Israel: prolegomena to the study of ethnic sentiments and their expression in the Hebrew Bible*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1998. 346p.
- STANLEY, Christopher D. Neither Jew nor Greek: ethnic conflict in graeco-roman society. In: *Journal for the Study of the New Testament*, England, 19, 101, 1997.

abib